



UEPB
Universidade
Estadual da Paraíba

CAMPUSIII – OSMAR DE AQUINO

CENTRO DE HUMANIDADES

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

**REFLEXÕES E PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DOCENTE A
PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

JULIANA DE JESUS PEREIRA

GUARABIRA-PB

2016

JULIANA DE JESUS PEREIRA

**REFLEXÕES E PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DOCENTE A
PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão do curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial para à obtenção do título de Licenciada em História.

Orientadora: Prof^ª. Ms. Naiara Ferraz B. Alves

GUARABIRA-PB

2016

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

P436r Pereira, Juliana de Jesus

Reflexões e perspectivas para a prática docente a partir da experiência do estágio supervisionado / Juliana de Jesus Pereira. – Guarabira: UEPB, 2015.

18 p.

Monografia (Graduação em História) – Universidade Estadual da Paraíba.

JULIANA DE JESUS PEREIRA

**REFLEXÕES E PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DA
EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão do curso de
Licenciatura em História da Universidade
Estadual da Paraíba, como requisito
parcial para a obtenção do título de
Licenciada em História.

Orientador: Ms. Naiara Ferraz B. Alves

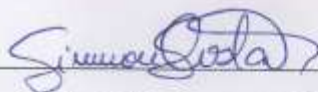
Aprovada em : 26 / 10 / 2016

BANCA EXAMINADORA



Profª. Ms. Naiara Ferraz B. Alves (orientadora)

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profª. Drª. Simone da Silva Costa

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

SUMÁRIO

1. Introdução	6
2. Informações técnicas sobre o estágio	7
3. Relato de experiência: problemas encontrados na sala de aula	8
4. A importância do planejamento para as aulas de História	10
5. . A Síndrome de <i>Burnout</i> em professores da rede pública	13
6. Considerações Finais	16

REFLEXÕES E PERSPECTIVAS PARA A PRÁTICA DOCENTE A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Juliana de Jesus Pereira

RESUMO

Nosso trabalho tem como objetivo apresentar os resultados, as impressões e reflexões sobre a prática docente, a partir do que foi observado durante o estágio supervisionado obrigatório, realizado entre os anos de 2010 e 2011, no curso de Licenciatura em História da UEPB. Durante o período de observação, levantamos duas questões para análise: a ausência de planejamento didático/metodológico das aulas de História ofertadas aos alunos da rede pública de ensino na cidade de Guarabira e a Síndrome de Burnout. Uma questão relacionada diretamente a outra, devido ao ambiente desagradável, presente nas aulas sem planejamento, o que gera situações de indisciplina por parte dos alunos e angústia para os professores que passam a conviver em um espaço extremamente estressante, desgastante e conseqüentemente favorável e suscetível ao desenvolvimento da síndrome de Burnout, recentemente descrita pela literatura Médica. Para direcionar nossas questões trabalhamos com as perspectivas de : BITTENCOURT (2004); SCHMITZ (2000); AGUIAR (2011); SILVEIRA (2008), entre outros.

Palavras-chaves: Estágio Supervisionado; Planejamento; Síndrome de Burnout

1. Introdução

O presente trabalho relata algumas reflexões realizadas a partir da experiência vivenciada durante as atividades práticas da disciplina de Estágio Supervisionado em História como disciplina obrigatória do curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba. O mesmo tem a finalidade de demonstrar como transcorreu o estágio, evidenciando os conteúdos apresentados, o que foi solicitado como aprendizado dos alunos e também as dificuldades encontradas pela aluna estagiária, assim como as reflexões que surgiram a partir do que foi experimentado.

O estágio supervisionado é parte fundamental do aprendizado e da formação em uma licenciatura, haja vista, que em muitos casos é o primeiro contato que o aluno da licenciatura terá com a sala de aula, não mais no papel de educando, mas como professor (aprendiz de professor), dessa forma o estágio propicia aos alunos a oportunidade de experimentar a prática do que foi lhe repassado nos últimos três de curso, além de possibilitar a ação a o desenvolvimento de habilidades de domínio de turma e transferência de conteúdos.

Uma das dificuldades do estágio é a sua curta duração em relação aos alunos que não tem experiências de ensino fora da sala de aula, já que as horas destinadas para a prática, em muitos casos, não são suficientes para que o formando de uma licenciatura se sinta habilitado para exercer a profissão, devendo, portanto, ter a coragem de começar, já que na realidade só se aprende a ensinar na prática. As disciplinas voltadas para as discussões pedagógicas, assim como, as disciplinas de conteúdo ensinam as teorias e o que deve ser abordado em sala, o aluno (futuro professor) só irá aprender a lecionar com o tempo em sala de aula. Saí com o conteúdo necessário devendo aprimorar a sua prática, que por sua vez, é beneficiada pelas experiências, já que cada turma, e, aluno reage de uma maneira diferenciada a cada aula e aos exercícios e atividades orientadas.

O estágio favorece, portanto, ao educando a possibilidade de colocar em prática tudo o que foi repassado durante o Ensino Superior. Contudo a habilidade de mediar o conteúdo didaticamente, ou seja, repassar o que foi considerado relevante no Ensino Superior para o Ensino Fundamental e Médio, é algo que se desenvolve com o tempo. Como tudo tem um começo o Estágio Supervisionado é um ótimo começo.

2. Informações técnicas sobre o estágio

O estágio foi realizado na **Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio José Soares de Carvalho** e no **Centro Educacional Osmar de Aquino**, ambos situados no município de Guarabira. O primeiro localiza-se à rua Henrique Pacífico, número 45, no bairro bela Vista e tem uma ótima estrutura física e um bom estado de conservação, contando com 19 salas de aula, 114 funcionários, sala de diretoria, sala dos professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, quadra de esportes coberta, alimentação escolar para os alunos, cozinha, biblioteca, banheiros dentro e fora do prédio, banheiros adequados a alunos com deficiência, dependências e vias próprias para esses alunos, sala de secretaria, banheiro com chuveiro, refeitório, dispensa, almoxarifado, auditório, pátio coberto e ainda conta também com vários equipamentos como computadores administrativos, computadores para os alunos, TV, copiadora, equipamento de som, impressora, equipamento de multimídia, vídeo cassete, DVD, antena parabólica, retroprojetor, data show, câmera fotográfica e filmadora.

Apresentei-me a professora e a turma como estagiaria do Curso de Licenciatura em História na disciplina Estágio Supervisionado I, com o professor supervisor, à época Mestre Martinho Guedes. As observações foram feitas numa turma de segundo ano do Ensino Médio onde fiquei nos dias cinco e nove de outubro de dois mil e dez e dezesseis e vinte e três de novembro do mesmo ano. A turma não era tão grande e contava, apenas, com 24 alunos mesmo assim a sala ficava um pouco quente por não ter uma boa circulação de ar. As aulas se deram através de leituras expostas com os assuntos: Império Napoleônico e Conflitos na Colônia Portuguesa e, ao fim dessas aulas era feita a chamada na caderneta, a fim de controlar a presença dos alunos.

No mesmo ano, porém, já com a disciplina de Estágio Supervisionado II, pude na prática estagiar no **Centro Educacional Osmar de Aquino** situado à rua José do P. Mariz, número 215 no Bairro Novo. Trata-se de uma escola municipal que possui 492 alunos, sendo 405 no ensino Fundamental e 87 no ensino Médio, possui acessibilidade a alunos com deficiência, biblioteca, internet, quadra de esporte coberta, laboratório de informática. Minha experiência aqui foi bem curta visto que dei apenas uma aula para uma turma de oitavo ano no período da tarde. O estágio foi de extrema importância para mim, pois o mesmo tem como

objetivo preparar o estudante de historia, visando a pratica em sala de aula. Pois é durante essa fase que percebemos o valor do conhecimento adquirido durante todo o curso, assim como observar de modo real as adaptações da teoria e da prática essenciais para exercer bem a função do educador. Foram dias de muita observação. Procurava não interagir com os alunos para concentrar-me, principalmente no comportamento tanto deles quanto no dela, para que assim pudesse, aqui, relatar a minha experiência na observação e na prática.

Em relação à prática de aulas, foi realizada na fase II do Estágio Supervisionado. Já temia os resultados desta atividade. Pois, sabia que não iria encontrar só “flores” pela frente, visto que temia o fato de ser realizado na rede publica de ensino, onde nossos docentes mostram-se cansados, abatidos, e não estão preparando bem suas aulas e é visível isso uma vez que não respondem aos alunos em sala de aula quando perguntados sobre os assuntos que são expostos, em sua maioria através de leituras e isso acaba por refletir nos alunos que não se interessam pelas aulas.

3. Relato de experiência: problemas encontrados na sala de aula

No dia 5 de outubro do ano de 2010, dei inicio ao estágio de observação da disciplina de Estágio Supervisionado I com o Professor Mestre Martinho Guedes no Curso de Licenciatura Plena em Historia pela Universidade Estadual da Paraíba, onde pude observar, durante quatro aulas, o método de ensino que a professora usava e a forma como ela se relacionava com a turma e a turma com ela.

Ao entrar na sala, notei que a turma estava bem agitada a ponto de não notarem a minha presença e nem a da professora. Após uns cinco minutos, a professora consegue ter a atenção da turma e assim perceber que a mesma não havia realizado uma tarefa da aula anterior. A professora então pergunta aos alunos se é melhor terminar a tarefa ou adiantar o assunto e eles preferem dar segmento a um novo assunto: Império Napoleônico. Na tentativa de usar o método da leitura exposta com a turma, percebe-se a falta de domínio da professora. É possível notar o descaso da turma para com ela, que lê sozinha. Ela então pede a uma das alunas que faça a leitura em voz alta chamando assim a atenção dos demais. Durante leitura, observei um garoto que fez a seguinte pergunta: “Professora, o que foi o 18 Brumário ?” e ela responde que foi algo relacionado ao calendário da época. Para mim ficou bem claro aqui o despreparo dessa professora, a falta de domínio com a turma e também a falta do

planejamento das aulas. Nesse mesmo dia notei também que dois alunos usavam durante a leitura o aparelho celular para tirarem fotos sem se importarem com qualquer tipo de punição. A professora então faz uma pausa já no fim da aula para fazer a chamada com a caderneta a fim de controlar a presença da turma.

No segundo dia, 09 de outubro de 2010, houve atraso por parte da professora de dez minutos sem, ao menos, dar uma explicação aos alunos e nem a mim enquanto estagiária. Ela dá início a aula e usa novamente o método de leitura exposta sobre o mesmo assunto da aula anterior, porém os alunos estão sem o livro didático e nada é feito por ela para mudar aquela situação visto que além de livros, a escola possui vários outros recursos. E como de costume a leitura é feita apenas pela professora durante toda a aula.

Em 16 de novembro de 2010, terceiro dia, o assunto ainda era Império Napoleônico, os alunos estão com o livro sobre a mesa, mas nem chegam a abrir. Eles parecem saber que nenhuma atitude será tomada pela professora com relação a isso. É o que infelizmente acontece: ela nem se quer questiona tal comportamento daqueles jovens. Durante a solitária leitura, percebo duas garotas sentadas mais a frente tentando prestar atenção ao que estava sendo lido porém o barulho dos demais as atrapalha e uma delas muito chateada se retira da sala. É como se ela estivesse zangada por conta do barulho e pela falta de atitude da professora e, ao mesmo tempo com pena daquela mulher que parecia estar ali forçada com aqueles alunos que não a respeitava.

No quarto e último dia de observação, 23 de novembro de 2010, há outro atraso por parte da professora e resolvo questioná-la e a mesma disse estar adiantando um horário em outra turma que estava vago. Já sentados cada um em seus lugares os alunos, com cara feia, parecem saber o que está por vir. Sem que o assunto anterior terminasse, outro é iniciado. Os conflitos na Colônia portuguesa. Desta vez a professora resolve tomar uma atitude ameaçando tirar pontos dos alunos que não participassem e, por incrível que pareça, ela consegue, mas, não por muito tempo. Depois de uns quinze minutos do começo da aula os alunos começam a ter conversas paralelas fazendo com que a professora se atrapalhe toda e nem chegue a cumprir a ameaça de tirar pontos. Faltando pouco tempo para o fim da aula observei algo bem sério onde a professora pede a uma aluna que por sinal não é nem um pouco participativa para fazer a chamada dos alunos diretamente em sua caderneta correndo o risco de haver erros ou mesmo de a aluna colocar presença para um aluno(a) que pudesse ter faltado.

Os quatro dias que fiquei a observar essa turma pude notar o total despreparo da professora tanto no que diz respeito ao planejamento de suas aulas quanto a seu relacionamento com aqueles alunos que, ainda que gostem da disciplina de História, passarão dessa forma, a não se interessarem mais por conta da mesmice, da falta diálogo sobre os temas propostos, exercícios, falta de uso de outros recursos como, por exemplo, um filme sobre o assunto. Enfim, da falta de estímulo de ambas as partes.

No ano seguinte, em 2011, no **Centro Educacional Osmar de Aquino** é chegada a vez de encarar a sala de aula de outra forma. Minha experiência nessa escola foi bem curta visto que dei apenas uma aula. Fui três dias antes ao colégio me apresentar ao professor e a turma. Essa escola também possuía vários recursos além do livro didático. Porém, a questão aqui é o tempo e a minha preparação foi bem simples sobre a Segunda Guerra Mundial. Fiz apenas tópicos com frases bem curtas que me remetessem ao assunto e eu pudesse explica-lo de forma segura. A minha dificuldade enquanto estagiária foi a de não poder dar a aula que eu queria. Existem vários documentários e filmes visto que o assunto é bem extenso. Tive apenas meia hora. Ao chegar na sala fiquei durante muito tempo em pé à porta esperando o professor fazer a chamada na caderneta. Ele parecia não querer que eu estivesse ali e estava visivelmente incomodado. Após sua permissão entrei na sala, apresentei o assunto que seria abordado e em seguida já passei os tópicos no quadro e percebi que todos copiavam. Ao fim, expliquei de forma infelizmente rápida o assunto e, diante do professor, deixei claro aos alunos que o professor faria o devido aprofundamento do assunto.

De todas as dificuldades encontradas na relação entre professores e alunos, destaco a péssima relação entre os mesmos e a falta de planejamento das aulas, ou seja, uma coisa está diretamente relacionada à outra, o que me fez refletir sobre.

4. A importância do planejamento para as aulas de História

A partir da experiência relata acima percebi a importância do planejamento de aula, que deve existir como forma de facilitar a vida do professor, não só dele como também de seus alunos. Segundo Schmitz (2000), “o planejar é uma organização de ideias. É um instrumento que direciona o processo educacional estabelecendo e determinando as grandes urgências, ordenando os meios necessários e os recursos para assim executá-lo” (SCHMITZ, 2000, p.101).

Qualquer atividade, para ter sucesso, necessita ser planejada. O planejamento é uma espécie de garantia dos resultados. E sendo a educação, especialmente a educação escolar, uma atividade sistemática, uma organização da situação de aprendizagem, ela necessita evidentemente de planejamento muito sério. Não se pode improvisar a educação, seja ela qual for o seu nível.”(SCHMITZ, 2000, p.101)

O professor deve, dessa maneira, planejar, sistematizar com cautela todo o assunto que será exposto em sala de aula e assim também deve respeitar a realidade de cada aluno, a sua relação deve ser entre o conteúdo e as experiências do aluno, partindo de seu lugar social. Caso esse professor venha a improvisar na aula, fazendo apenas uma leitura para passar o tempo, prejudica e muito o seu trabalho no sentido de ensinar o outro e também na compreensão, na aprendizagem daquele aluno.

É o plano de aula que dá ao professor a dimensão da importância de sua aula e os objetivos a que ela se destina, bem como o tipo de cidadão que pretende formar. Por este motivo, pensar que a experiência de anos de docência é suficiente para a realização de um bom trabalho é um dos principais motivos que levam um professor a não obter sucesso em suas aulas, assim como, infelizmente pudemos observar durante o nosso estágio nos anos de 2010 e 2011.

Os professores de História, neste caso, devem esquecer o conceito de “bacharelado” e “licenciatura”, uma vez que todo historiador é professor e todo professor pesquisador do ensino. Assim o professor não pode elaborar o planejamento tendo em mente, apenas, alunos ideais devem saber lidar com os desafios e atrair a atenção dos alunos mais difíceis. Deve avaliar o que a turma já sabe e o que ainda precisa aprender. Só assim irá conseguir planejar com base em necessidades reais de aprendizagem.

Planejar requer que o professor esteja sempre pesquisando, que ele seja sempre criativo na elaboração de suas aulas, estabelecer prioridades e limites, estar aberto para acolher o aluno e sua realidade e estar e ser também flexível para planejar sempre que necessário, o que se vai ensinar, quando e como vai ensinar e quando e como avaliar.

Por tratar-se de muita leitura, as aulas de história carecem de muita criatividade por parte do professor. Para disciplina é muito importante um planejamento para que não se caia na mesmice de estar sempre fazendo leitura exposta, como observamos durante o estágio.

Há meios para diversificar, Hoje em dia, as escolas oferecem os recursos como televisão, aparelho de DVD, retroprojetor entre outros. É muito comum ainda professores da disciplina de História usar apenas as ferramentas da leitura ou estão sempre escrevendo no quadro durante toda uma aula, não obtendo dessa forma, aproveitamento algum.

Podemos trabalhar a disciplina de historia com uma música, por exemplo, que remeta há certa época, também com imagens expondo para os alunos, vestimentas e comportamentos de determinada época. Também com o uso frequente da internet podemos solicitar a eles pesquisas sobre determinados assuntos e também na exibição de documentários, aos quais é possível ter acesso. Caso o professor busque irá encontrar livros na área de Ensino que remeta ao uso destas ferramentas, como no caso do livro **História Ensinada: linguagens e abordagens para a sala de aula.** (Santos Neto, 2008). Nesta obra coletiva os autores destacam diferentes metodologias para o uso em sala de aulas de História, não que as ferramentas destacadas no livro sejam inovações, mas são novas formas de pensar sobre o uso de linguagens diferenciadas para o ensino de História.

Estas ferramentas são facilitadores da mediação didática e podem auxiliar da compreensão do conteúdo pelo aluno, mas de forma, que alcance os objetivos de uma forma integral, como se refere a autora SILVEIRA (2008), ou seja, os objetivos conceituais, procedimentais e atitudinais, apenas uma aula planejada que responda a três indagações-chave dos processos de ensino-aprendizagem: *o que, como e para que/ quem aprende/ conhecer ?* Pode ser responsável pela formação de um educando com pensamentos próprios e raciocínio crítico diante da sociedade. A medida que, apenas, leio o capítulo do livro sem planejar o máximo que vou alcançar são alunos capazes de reproduzir informações e não alunos capazes de construir conhecimentos.

Todo processo educativo implica no desenvolvimento de capacidades do (a)s aluno(a)s para problematizarem a realidade (o contexto de suas vivências),

investigarem-na para conhecê-la, sistematizarem e elaborarem as informações que obtiverem na investigação e, sob diversas linguagens, saberem transmiti-las e correlacioná-las com o seu contexto de vivência. Neste percurso, deve ser levado em consideração o conhecimento prévio do(a) aluno(a) e outros saberes disponíveis para além do espaço acadêmico, na comunidade e na mídia, por exemplo. (SILVEIRA, 2008, p.18).

Infelizmente, nem sempre isso acontece. Muitos professores chegam nas salas de aula muitas vezes cansados, com uma carga horária excessiva. Esse professor, as vezes, nem olha nos olhos dos alunos para responder a um questionamento sobre a aula por exemplo. Esse professor embora não seja a intenção dele, causará nos alunos um desinteresse em estudar História ou qualquer outra disciplina em que o mesmo se comporte de tal maneira. Como diz MORALES,1999:

O professor pode ensinar mais com o que é do que com aquilo que se pretende ensinar; seu modo de fazer as coisas implica mensagens implícitas de efeito que podem ser positivos ou negativos; se aceitam ou recusam suas atitudes e seus valores, reforça-se o interesse ou desinteresse pelo aprendizado (MORALES,1999, p.25)

Sendo assim, enquanto professor se deve buscar melhoras e devemos, dentro das possibilidades que a escola possui estar sempre se atualizando e criando novas técnicas de ensino. Dessa forma, o ensino/aprendizagem se tornará mais prazeroso tanto para o aluno quanto para o professor.

5. A Síndrome de *Burnout* em professores da rede pública

Diante do que foi observado durante o estágio surgiu um questionamento: como uma depressão, ou que tipos de doenças poderiam afetar estes professores? Com uma jornada de trabalho semanal excessiva, há sem dúvida um incômodo físico e mental entre os professores.

Trabalhar em condições desfavoráveis implica mais horas de deslocamento, maior esforço de adaptação a diferentes ambientes e preparação de aulas distintas, sem contar com o número também excessivo de alunos nas salas de aulas. Somadas a essas condições estão, também, as mudanças sociais que vêm ocorrendo na sociedade fazendo com que os

professores tenham dificuldades de acompanhar tais mudanças, devido, em muitos casos, a falta de acesso a informação, mais uma consequência do tempo sempre ausente.

O nível de envolvimento que o mestre desenvolve com as situações do exercício docente, com a carreira e as interações com a equipe da escola e com as famílias dos alunos é muito grande. A exigência para com o professor se tornou muito grande uma vez que a evolução e a transformação dos agentes tradicionais que são a família, ambientes cotidianos e grupos sociais vêm renunciando às responsabilidades que desempenhavam exigindo da escola e dos professores tal papel.

O professor que resiste a essas mudanças pretende manter o papel transmissor exclusivo de conhecimento e tem grandes possibilidades de ser questionado e desenvolver assim, um sentimento de mal-estar reduzindo cada vez mais sua atuação de trabalho com o tempo sempre corrido fazendo com que aquele trabalho, antes tão satisfatório para o professor, se transforme em rotina, criando assim poucas oportunidades de criatividade no trabalho. O professor se deixa levar exclusivamente pelo método tradicional¹ ampliando o desinteresse do alunado pelas aulas de História.

O desinteresse dos alunos junto a indisciplina durante as aulas vai, aos poucos, se tornando cada vez mais intenso fazendo com que o estresse tome conta dele. Esse estresse que não é um estresse comum, ou seja, é crônico, seria uma das causas para o surgimento de uma síndrome nova, ainda pouco conhecida: a Síndrome de Burnout.

A Síndrome de Burnout, burn=queima; out=externa(queima, desgaste), teria origem ocupacional, ou seja, no trabalho com aqueles profissionais em que as pessoas dependem da atenção delas, como os profissionais da saúde, recepcionistas, telemarketing e etc. Entre eles, destaca-se o professor que, além da atenção faz o papel de pai que aquele aluno talvez não tenha em casa dando conselhos tentando sempre dar o seu melhor. E, apesar disto, é, entre esses profissionais citados, o mais desvalorizado levando a um sentimento de querer desistir de tudo. (BENEDETTI, 2016, pag. 10)

De acordo com dados do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), essa é a terceira maior causa de afastamento de professores de suas funções através de licença médica. Há também aqueles profissionais que, não querendo se afastar da escola têm um remanejamento

¹ Método tradicional definido pela autora Circe Bittencourt (2004), geralmente associado ao material pedagógico ou a aulas expositivas, com o uso de lousa, giz e livro didático: o aluno em decorrência da utilização desse material, recebe de maneira passiva uma carga de informações que, por sua vez, passam a ser repetidas mecanicamente de forma oral por escrito com base naquilo que foi copiado no caderno ou respondido nos exercícios propostos pelos livros (p.226).

de função, ou seja, realizam outro tipo de trabalho no ambiente escolar que não a sala de aula. Conviver com o sofrimento, e com tudo o que, negativamente, ele desencadeia, talvez seja a única maneira encontrada por alguns professores para lidarem com seus conflitos, seus dilemas.

E, embora muitos gestores minimizem essa realidade, alegando que a cada concurso público aberto milhares de novos docentes ingressam no sistema de ensino, a falta de professores tem afetado significativamente grande parte das escolas brasileiras aumentando ainda mais o prejuízo dos bons alunos que só contam com o ensino público (BENEDETTI, 2016, pag. 12)

Os professores acabam, muitas vezes, pela própria gestão, sendo menosprezados e largados a própria sorte sendo ainda, rotulados com “fracos” ou incapazes, os deixando mais doentes mesmo estando afastados da escola, uma vez que passam a depender dos profissionais de saúde. Prejudicam também aqueles alunos que realmente querem aprender, quando o professor que sofre de *burnout* se afasta da escola ou simplesmente se torna um profissional faltoso deixando-os sem aulas, sendo que a única forma de adquirir conhecimento ao seu alcance é a escola pública. Na verdade, os professores não são fracassados, mas sim doentes. Adoecem principalmente, porque o país trata com aceitável um sistema de ensino como o nosso.

Se não cabe propor uma psicanálise coletiva dos professores na escola, cabe sim alertar para a necessidade que as pessoas têm de ser ao menos escutadas em seu trabalho. É preciso que um espaço de escuta seja criado na escola, para que os seus profissionais – pessoas responsáveis pela formação de outras pessoas – possam, ao serem ouvidos, ouvir a si mesmos. E com isso possam deixar falar um outro sujeito, o sujeito do desejo; do desejo que está na origem da escolha profissional e na raiz do mal-estar que faz sintoma (AGUIAR e ALMEIDA, 2011, p.48).

É necessário, portanto, que o professor seja ouvido na escola, que ele encontre ajuda não só na gestão mais em todo o seu ambiente de trabalho e conviva harmoniosamente com outros professores com seus alunos e etc. O professor com burnout tem dificuldade de se envolver, falta-lhe carisma e emoção quando se relaciona com o estudante afetando o aprendizado e a motivação destes, afetando também seus comportamentos. Comportamento esse, que muitas vezes são aquelas chacotas com o professor: o professor é visto como aquele chato, estressado que ninguém quer por perto e que, muito menos, querem assistir suas aulas e acham que ele não terá nada de bom para ensiná-los.

Assim, se não houver investimento no professor, conferindo-lhe salário digno, condições adequadas de trabalho e resgatando seu prestígio junto à sociedade, dificilmente a situação aqui exposta será modificada.

6. Considerações finais

O relatório tem sua função fundamental por estar presente na experiência na licenciatura, visto que transformado em documentos escritos possibilita o registro duradouro desta vivência que veio reforçar os conhecimentos sobre a importância de uma prática consistente e fundamentada para garantia de uma educação de qualidade, uma vez que nos estagiários encontramos, durante o estágio algumas dificuldades bem como a falta de atenção de alguns alunos e também da falta de interesse de alguns professores. Apesar de saber que há livros didáticos e ainda outros recursos tecnológicos na escola observei que os alunos não usavam nem um nem outro e apenas a professora usava (apenas o livro).

É no estágio que percebemos as dificuldades encontradas pelos professores da rede pública de ensino com relação a falta de estrutura e também nas suas relações pessoais dentro do seu ambiente de trabalho. O estágio é um momento marcante e imprescindível para a formação do professor. O professor deve, não só transmitir conhecimentos ou fazer perguntas mas também deve dar atenção e ter o cuidado para que aprendam a expressar-se, que aprendam a expor opiniões, e também dar respostas. Isso irá mostrar como os alunos estão reagindo às atualizações dele, como também as dificuldades que encontram.

A tarefa de educar, além de ser importante é abrangente apesar de muito desinteresse e falta de atenção de muitos. O ensino é uma troca constante de valores, onde os alunos e professores devem estar conectados uns aos outros para fluírem e conquistarem conhecimento.

A experiência do estágio é um passo decisivo na vida de um conculinte e futuro profissional na área da educação, pois esta finalizando o curso e é imprescindível esse contato, de fato, com a sala de aula. Diante de tudo o que foi observado e praticado é fácil afirmar que o estágio é uma ótima experiência

ABSTRACT

Our work aims to present the results, impressions and reflections on the teaching practice, from what was observed during the mandatory supervised internship, conducted between 2010 and 2011, Bachelor's Degree in History of UEPB. During the observation period, we raised two questions for analysis: the lack of educational planning / methodology of history classes offered to students from the public school system in the city of Guarabira and burnout syndrome. A related issue directly to another, due to the unpleasant environment, present in class without planning, which creates disruptive situations by students and distress for teachers who start to live in an extremely stressful space, exhausting and therefore favorable and susceptible to development of Burnout syndrome, recently described by the medical literature. To address our issues we work with prospects: Bittencourt (2004); Schmitz (2000); AGUIAR (2011); SILVEIRA (2008), among others.

Keywords: Supervised Internship; Planning; Burnout syndrome

Referências

AGUIAR, Rosana Márcia Rolando e ALMEIDA, Sandra Fonseca Conte de. **Sintomas do mal estar na educação**. O sofrimento psíquico de professores. Curitiba: Juruá, 2011.

BENEDETTI, Kátia Simone. **Eu, professora e Burnout**. Como o sistema público de ensino adoce professores dedicados e prejudica alunos interessados. Curitiba: Juruá, 2016.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de história: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2004.

CASTRO, Patrícia Aparecida Pereira Penkal de; TUCUNDUVA, Cristiane Costa e ARNS, Elaine Mandelli. **A importância do planejamento das aulas para organização do trabalho do professor em sua prática docente**. ATHENA. Revista Científica de Educação. In: nead.uesc.br/arquivos/fisica/instrumentação/artigo.pdf. Acessado em 10/10/2016.

FERREIRA, Leda Leal. Relatório final do Projeto. **“Condições de trabalho e suas repercussões as saúde dos professores de Educação Básica no Brasil”** FUNDACENTRO. São Paulo, abril de 2010.

SCHMITZ, Egídio. **Fundamentos da Didática**. 7ª Ed. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2000.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. “Teoria-Metodologia e ensino da história: uma confluência necessária”. IN: SANTOS NETO, Martinho Guedes dos (org). **História Ensinada linguagens e abordagens para a sala de aula. João Pessoa : Idéia, 2008.**